

O ÊXODO RURAL COMO FATOR DE OCUPAÇÃO TERRITORIAL NO BAIRRO SÃO JOSÉ DE PASSO FUNDO/ RS¹

Márcio Luís Hassler²

Resumo

Passo Fundo, uma das principais cidades da metade norte do estado do Rio Grande do Sul e principal pólo atrativo, de serviços e de ocupação urbana na Zona da Produção, localiza-se no Planalto Médio Riograndense, a 293 km de Porto Alegre, capital gaúcha. Observou um intenso processo de urbanização nas últimas décadas, a exemplo do Brasil e da grande maioria dos países subdesenvolvidos. Este crescimento se baseou, em grande parte, no processo de êxodo rural a partir da modernização agrícola observado na região. Este estudo de caso se refere a um bairro que teve o seu crescimento provocado por estes processos.

Palavras-chave: Passo Fundo, bairro, urbanização, crescimento, êxodo rural.

Abstract

The rural exodus as territorial occupation factor in the So José neighborhood of Passo Fundo/ RS

Passo Fundo, one of the main cities of the north half of the Rio Grande do Sul State and main attractive pole, of services and of urban occupation in the Area of the Production, is located at the Medium Plateau Riograndense, to 293 km of Porto Alegre, capital gaucha. It observed an intense urbanization process in the last decades, to example of Brazil and of the great majority of the underdeveloped countries. This growth was based, largely, in the process of rural exodus starting from the agricultural modernization observed in the area. This case study refers to a neighborhood that had its growth provoked by these processes.

Key-words: Passo Fundo, neighborhood, urbanization, growth, rural exodus.

INTRODUÇÃO

Passo Fundo, uma das principais cidades da metade norte do estado do Rio Grande do Sul e principal pólo atrativo, de serviços e de ocupação urbana na Zona da Produção, localiza-se no Planalto Médio Riograndense, a 293 km de Porto Alegre, capital gaúcha.

Pelo tratado de Santo Ildefonso a atual cidade de Mato Castelhano por volta de 1777 pertencia ao reinado de Buenos Aires, dominado pelos espanhóis popularmente chamados de ‘castelhanos’. Por isso o nome dado ao local desde então conhecido como ‘Mato castelhano’,

¹ Este trabalho constitui parte de pesquisa realizada no ano de 2001 sobre a expansão urbana do município de Passo Fundo a partir da análise da formação dos seus principais bairros nas décadas de 1980 a 2000.

² Mestrando em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Mendonça. Professor de Ensino Fundamental e Médio das redes pública e privada de Curitiba/ PR. Endereço para correspondência: Rua Mateus Leme, Nº 249, Apto. 01, Bairro São Francisco, Curitiba/ PR CEP: 80510-190 Correio eletrônico: malupfrs@yahoo.com.br

localizado há mais ou menos 20 km de Passo Fundo. Entre a área dominada pelos portugueses e a área dominada pelos espanhóis estava localizada Campo do Meio, uma terra que não pertencia ao reinado português nem ao reinado espanhol, 'terra de ninguém', como era denominada. Com o Tratado de Santo Ildefonso e com a confirmação do Tratado de Madri, as terras pertencentes aos espanhóis foram dadas ao rei de Portugal e em troca delas, os espanhóis ficaram com a Colônia de Sacramento, ponto estratégico para controlar a área do Rio do Prata.

A origem do nome da cidade de Passo Fundo remonta aos tempos em que, para evitar uma volta muito longa e inconveniente pelos antigos territórios de Viamão e Santo Antonio da Patrulha, os tropeiros paulistas e mineiros optavam pelo caminho da campanha missioneira, passando pela região da atual cidade de Passo Fundo para realizar sua viagem do sul do estado até São Paulo, onde abasteciam os mercados consumidores da época com o gado da campanha do sul do Rio Grande do Sul. Naquele tempo, o vale, a passagem formada pelo rio que atravessava seu caminho onde hoje se encontra o centro da cidade de Passo fundo foi batizada com este mesmo nome que, mais tarde, daria nome ao povoado que ali surgiria. Assim se formaram os primeiros embriões de atual cidade de Passo Fundo, cidade próspera que beira já os 200 mil habitantes.

Com uma grande concentração populacional, Passo Fundo conheceu seu maior crescimento e urbanização nas últimas décadas, a partir da maquinização do campo, baseado no êxodo rural, que propiciou a nossa cidade um processo de urbanização semelhante àquele observado na maioria das cidades brasileiras que tiveram seu maior crescimento após a década de 1950.

Para possibilitar uma análise do fenômeno da modernização da agricultura na região de Passo Fundo, especificamente numa de suas conseqüências que é o desalojamento da população rural e sua concentração na periferia das cidades, examinou-se a situação de vivência de algumas famílias que residem atualmente no bairro São José por meio de entrevistas. Após um longo trabalho de entrevistas, onde foi questionada a situação dessas famílias, como o número de pessoas na residência, a situação ocupacional, o grau de escolaridade e principalmente a procedência e o motivo de seu deslocamento, elas foram agrupadas e a partir dos dados levantados as situações serão agora aqui relatadas e analisadas sob um prisma interpretativo.

Pretende-se, assim, fazer um comparativo por amostragem do fenômeno de ocupação da cidade de Passo Fundo a partir da formação e da ocupação do Bairro São José, onde se observou um grande crescimento nas últimas décadas, resultado, sem dúvida, dos movimentos migratórios rurais-urbanos.

ESTUDO DE CASO: INTERPRETAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Tendo em vista as dimensões do Bairro São José e seu alto índice de ocupação populacional, esse estudo pretende apenas fornecer uma visão superficial, generalizada, acerca das motivações intrínsecas que levaram aquelas famílias a abandonar sua ocupação e/ou propriedade no campo, em pequenas localidades da região e virem a se fixar na periferia de Passo Fundo.

Após a elaboração de um questionário padrão para a investigação, composto de 17 (dezessete) questões de respostas simples e objetivas, partiu-se para a escolha aleatória de algumas famílias que pudessem tornar-se a amostra significativa para o estudo da questão do êxodo rural relacionado com a urbanização, não só aplicado ao bairro São José, mas também à toda a cidade de passo Fundo.

Tendo em vista uma série de fatores, que vão desde o tempo disponível para a realização do trabalho até a disponibilidade dos entrevistados, foram realizadas visitas a sete pessoas, geralmente responsáveis pelo domicílio ou seus cônjuges, aos quais foi aplicada a entrevista. Os entrevistados residem em pontos estratégicos do bairro e crê-se que as respostas obtidas coincidem com a de muitos outros moradores, uma vez que houve também algumas conversas informais durante o trabalho, servido como base para as generalizações a seguir.

Destaca-se aqui ainda que o trabalho investigativo constitui tarefa extremamente significativa, principalmente no que se refere ao contato com o público, uma vez que em todas as entrevistas houve pronta acolhida e disposição em contribuir para a realização deste trabalho.

As primeiras dez perguntas do questionário serviam apenas como caracterização da amostra selecionada, mas revelam aspectos importantes para a análise seu conjunto. Desse modo, pode-se condensar os primeiros dados da seguinte forma:

Família A – Dividem a residência três pessoas, sendo que apenas uma possui emprego fixo, na Universidade de Passo Fundo, uma está desempregada e outra já é aposentada. Duas pessoas sabem ler e escrever; uma é analfabeta. A família reside a seis anos no bairro, é católica e não pertence à Associação de Moradores do bairro.

Família B – Composta por apenas duas pessoas, uma delas é zeladora da Prefeitura Municipal. Não há estudantes ou aposentados. Uma das pessoas é alfabetizada e a outra analfabeta, ambos sendo católicos. Residem no bairro há dezesseis anos e pertencem à Associação de Moradores.

Família C – Uma única moradora ocupa a residência (viúva). Trabalha como costureira, sabe ler e escrever e reside no bairro há vinte anos, não pertencendo à Associação de Moradores.

Família D – Moram na residência quatro pessoas, das quais apenas uma trabalha, duas são aposentadas e uma, desempregada. No momento, apenas um residente estuda, mas todas as pessoas sabem ler e escrever, ou seja, são alfabetizadas. A família reside no bairro há vinte anos, é católica e não pertence à Associação de Moradores.

Família E – Composta de três pessoas, apenas uma trabalha, uma vez que as outras duas pessoas são aposentadas. Todos são alfabetizados, mas não há estudantes. Residem no bairro há dezenove anos, são católicos e integram a Associação de moradores.

Família F – Composta de cinco pessoas, sendo que apenas três estão empregadas e uma é aposentada, sendo a outra criança que ainda não possui idade escolar. Todos, com exceção desta última, são alfabetizados. Residentes no bairro há doze anos, são católicos e não integram a Associação de Moradores.

Família G – moram na residência quatro pessoas, com apenas um empregado. Há um desempregado e um estudante, todos alfabetizados. Residentes no bairro há quatorze anos, são católicos e não pertencem à Associação de Moradores do bairro São José.

Tendo em vista estas considerações, as próximas três perguntas se referem à procedência das famílias e aos motivos de seu deslocamento, onde pôde-se constatar o que segue:

Família A – Proveniente da localidade de Bom retiro, interior do município de Água Santa, onde trabalhavam na agricultura. Mudaram-se para a cidade em virtude da venda de suas terras para pagar as dívidas bancárias, com financiamentos e empréstimos agrícolas. Num primeiro momento se dirigiram a Carlos Barbosa, vindo em seguida para passo Fundo, estabelecendo-se no bairro São José, onde se encontram atualmente.

Família B – Proveniente do município de Vanini, onde trabalhavam com agricultura. Vieram para a cidade em busca de emprego e melhores condições de vida, após terem vendido sua pequena propriedade rural.

Família C – Proveniente de Muliterno, exerciam atividades agrícolas. A mudança para a cidade foi motivada pela viuvez precoce e pela necessidade de dar estudo aos dois filhos, na época, menores.

Família D – Proveniente de Rio do Peixe, zona rural de Tapejara, ocupavam-se da agricultura e de um pequeno armazém rural. Vieram para Passo Fundo tendo em vista o estudo para os filhos e a busca de oportunidades para trabalhar no comércio urbano.

Família E – Proveniente de Mato Castelhana, ocupavam-se na agricultura, setor primário da economia. Mudaram-se para a cidade por causa das dificuldades enfrentadas no campo, principalmente as dívidas e a constante instabilidade climática e de preços dos produtos. Visavam a busca de melhores oportunidades de emprego e a melhoria das condições de vida.

Família F – Proveniente de Água Santa, onde possuíam pequeno comércio, lá conhecido como armazém. Movidos pelas dificuldades financeiras e desejo de melhora no padrão de vida, mudaram-se para a cidade buscando emprego e educação para os jovens.

Família G – Proveniente da zona rural do município de Sananduva, onde ocupavam-se na agricultura. Cansados das dificuldades do campo, partiram para a cidade de Passo Fundo com a expectativa de melhores condições de vida e empregos.

Pelas informações acima se torna evidente que a formação do bairro São José é, predominantemente, derivada de um processo de êxodo rural que tem suas origens nas décadas de 1970 e 1980, a exemplo do ocorrido com o Brasil como um todo. Movidos, de modo geral, pelas dificuldades enfrentadas no campo, tais como dívidas de financiamentos bancários, falta ou distância das escolas de ensino fundamental e médio para os filhos, distância dos centros médicos e hospitalares, variações e instabilidades climáticas, desvalorização do produto produzido a muito custo. Essas famílias saíram, assim, do campo rumo à cidade na expectativa de uma vida melhor, baseada na obtenção de um bom emprego, de uma moradia confortável, da possibilidade dos filhos concluírem os estudos, enfim, buscando uma vida melhor para si e seus familiares em todos os aspectos.

Todavia, é ainda preciso analisar as respostas relativas à última questão que é justamente a opinião dos entrevistados sobre a sua preferência em residir na zona rural, de onde vieram, ou na zona urbana, onde agora se localizam, podendo-se avaliar assim, se sua intenção foi consolidada ou se realmente foi uma experiência frustrante sem retorno, infelizmente. Tem-se assim que³:

³ Optou-se em preservar a linguagem coloquial dos entrevistados.

Família A – “No interior não tinha luz, a água era de poço, a escola só até a 4ª série do primário, era difícil para se ir até a cidade. Para ir ao médico precisava ir até outra cidade. Já na cidade tem mais facilidade para arrumar emprego, ir ao médico, o colégio é perto de casa. O mercado é perto e a gente encontra de tudo”.

Família B – “No interior era difícil, só trabalho na roça. Dependia do tempo, não tinha luz. Mas a alimentação era sem veneno, a água vinha de um olho d’água. A escola era só até a 5ª série, pra ir só com o ônibus ou a cavalo. Se precisava consultar tinha que ir até David Canabarro, no posto de saúde. Aqui é melhor, arrumei emprego fácil, tem supermercado perto, tem colégio e ônibus que vai em todas as direções. Até o hospital é bom e fica perto”.

Família C – “No interior sofria muito, o marido era doente. A água, só de poço, em tempo de seca, tinha que pedir ajuda aos vizinhos. A luz só tinha de vela ou lampião de querosene. Pra comer, só o que se plantava na roça, mas tudo bem limpo e bem cuidado. O transporte era feito só de cavalo ou carroça e a escola, que só tinha até a 5ª série ficava perto da vila, longe de casa. Aqui na cidade é bom, é fácil para ir no colégio, supermercado, pegar ônibus, tem água, luz. Mas a saúde é bastante precária”.

Família D – “No interior não tinha luz, só lampião, colégio até a 5ª série, água do olho d’água e transporte só de carroça. O trabalho era pesado, braçal. No armazém, venda mesmo só no sábado, domingo e feriado. Dia de semana, só trabalho na roça. Lá não tinha médico, só chá de ervas. Mas a comida era boa, galinha crioula, verdura sem veneno. Aqui tem escola e faculdade perto, ônibus para ir em qualquer lugar, o emprego é mais fácil, é mais fácil consultar e se precisa de hospital, tem vários na cidade”.

Família E – “No interior a vida é mais difícil, tem anos que a colheita dá bem, mas tem anos que dá seca e não se c olhe nada. Na cidade a gente sabe que se trabalharmos, recebemos, pouco ou bastante, mas recebemos”.

Família F – “No interior tinha dificuldade de ir para a escola, não tinha luz, a água era de fonte e não tinha recurso para cuidar da saúde. Transporte só de ônibus e lá de vez em quando. Mas a comida era mais saudável, sem agrotóxico, tinha mais tranquilidade, contato com os vizinhos, parentes, todos se ajudavam entre si. Aqui na cidade é mais agitado, tem mais violência, mas também tem mais recurso em tudo”.

Família G – “Lá no interior é sofrido, se dá seca se perde tudo na agricultura. Só se trabalha com tempo bom. A escola é longe, não tem luz, a água só da fonte, transporte só de carroça ou ônibus e remédio só se for caseiro, médico é difícil, mas a comida era sem veneno. Aqui na cidade tudo é acessível, tem escola, igreja, ônibus perto, na frente de casa”.

Percebe-se, na transcrição das respostas a linguagem simples utilizada pelos entrevistados, pessoas humildes, que com a sua pouca cultura estudantil, procuraram dar o máximo de si para a pesquisa. As respostas foram, em sua íntegra, aqui transcritas.

Através da análise dessas últimas respostas pode-se perceber que o principal motor da mudança destas famílias do campo para a cidade consiste, basicamente, na falta de infraestrutura, recursos e condições de trabalho ao pequeno proprietário rural. A mecanização da agricultura torna o trabalho humano pouco valorizado, os trabalhadores agrícolas nem sempre moram no campo e por isso, a efetiva população do espaço rural fica abandonada à própria sorte. Sem recursos financeiros, a única opção que lhes resta, na maioria das vezes é a venda

de sua pequena propriedade agrícola e a mobilidade espacial em direção aos grandes centros urbanos.

É preciso destacar que estas famílias entrevistadas, a exemplo da maioria que compõem o bairro São José, objeto de estudo neste trabalho, migraram já há algum tempo e as dificuldades relatadas, nos dias de hoje, não se fazem mais tão intensamente presentes quanto há duas ou três décadas atrás. O cotidiano do campo, atualmente, já tem outra realidade, com a formação de comunidades que foram assistidas com energia elétrica, canalização de fontes, telefonia rural, assistência médica, transporte, estradas, enfim, diversas melhorias indispensáveis mas que dependiam de vontade e iniciativa por parte, principalmente, do poder público para serem postas em prática, a partir da mobilização conjunta dos habitantes de cada uma das regiões em que esses serviços encontravam-se precários ou inexistentes.

Essas famílias vieram para a cidade com a expectativa de mudança de vida, em sua maioria, acreditando que aqui nos meios urbanos teriam tudo: emprego, casa, boa alimentação, escola, lazer, descanso, comodidade, saúde, como se pode comprovar nos depoimentos relatados anteriormente. Não que tenham se iludido de um todo, mas logo perceberam que não seria tão simples assim realizarem essas conquistas e desfrutarem desses 'confortos' e 'regalias' sonhadas. Provaram imediatamente o capitalismo selvagem reinante nos meios urbanos: rígido tempo de trabalho, pagamento de tudo o que é necessário consumir, cotidiano agitado, barulhento, violento e caótico, a competição nos mercados de trabalho e principalmente o alto custo de vida. Encontraram em Passo Fundo uma cidade de porte médio em constante crescimento e no auge de seu desenvolvimento, em rumo de se tornar um grande centro urbano. Encontraram, sim, atenção às suas necessidades básicas, mas encontraram também uma realidade bem mais complexa do que aquela sonhada. Agora são assalariados, guiados pelo relógio e pelo patrão; alguns desempregados, que não encontraram no meio urbano as mesmas oportunidades que tinham no meio rural, ou ainda não alcançaram, por vários motivos, os tão sonhados objetivos que almejavam antes de se deslocar; muitos são moradores de periferia, pois não encontraram outra opção quando aqui chegaram a não ser estabelecer-se aí por causas econômicas; enfrentam problemas com a violência, a segurança que lhes falta muito; convivem com um grande número de vizinhos, situação com a qual não estavam habituados nos meios rurais; alguns são trabalhadores, outros marginalizados, criminosos, pessoas que mal conhecem ou que nem gostariam de conhecer.

A saída do campo representou uma alternativa ao conjunto de dificuldades enfrentadas, mas surgiram outras com as quais convivem cotidianamente, pois agora não é mais possível imaginar um retorno, estando já demasiadamente habituados e acomodados na vida urbana, diversificada, próxima, barulhenta. O campo é apenas uma lembrança, uma nostalgia de tempos difíceis, onde se sofria por estudar, onde não havia luz, onde não havia mercados ou médicos; mas também é uma boa lembrança, onde se dava valor ao que se conseguia com esforço, onde os filhos obedeciam os pais, onde a família era mais importante do que tudo, vinha em primeiro lugar, onde a comida era saudável, produzindo-se praticamente tudo o que se necessitava para sobreviver e se alimentar e a medicina natural era considerada eficiente, estando naturalmente, menos expostos à ação dos malefícios da vida moderna das cidades.

Evidentemente, percebe-se que não se pode simplificar exageradamente os motivos que levaram ao êxodo dessas famílias do campo para o bairro São José, uma vez que por trás deste suposto desejo pelo bem-estar e pela modernidade estão as relações capitalistas de produção, que dificultam ao extremo a sobrevivência do pequeno proprietário no campo, que o forçam à produção monocultora e desencorajam a formação de cooperativas e associações como forma de resistência unida dos trabalhadores rurais do campo.

As famílias entrevistadas constituem-se numa amostra da população que migrou com objetivos definidos e lutou por seus objetivos, logicamente dentro de suas possibilidades,

sendo que atualmente integram uma parcela da população relativamente bem-sucedida, possuindo residência, trabalho, escolaridade, enfim, condições de sobrevivência digna no espaço urbano. Mas elas não constituem, infelizmente, a efetiva realidade dos migrantes das cidades, de inúmeras famílias que trocaram a vida simples e trabalhosa das zonas rurais desse imenso país por um cotidiano de fome, crime e desprezo nas ruas, à margem da sociedade, sem condições de emprego ou moradia. Realidade esta que está presente, e caracteriza, em grande parte, a população que migrou dos campos para as cidades no país, principalmente, nas grandes cidades brasileiras, como São Paulo e Rio de Janeiro, metrópoles nacionais, consideradas os principais pólos atrativos de migrantes rurais.

REFLEXÃO FINAL

As migrações do campo para a cidade ocasionam a urbanização, isto é, o crescimento das áreas urbanas em detrimento das áreas rurais. Mas a urbanização não consiste somente num crescimento das cidades, ela implica também numa série de outras transformações relacionadas a este processo, como a subordinação do meio rural ao meio urbano e a formação de um sistema integrado de cidades, conhecido como rede urbana, onde as cidades são classificadas numa hierarquia urbana, dependendo de sua importância e destaque na economia regional e nacional. No caso do Brasil, pode-se verificar que ocorreu um crescimento baseado no êxodo rural, uma vez que a urbanização pode ser proveniente de outros fatores também.

No caso do Bairro São José de Passo Fundo pode-se verificar que o processo de êxodo rural brasileiro, com sua origem nos anos 50, acentuando-se nas décadas seguintes, perdurando até os dias atuais, em menor quantidade, é fator importante na constituição da população residente, a exemplo do que ocorre na grande maioria das cidades brasileiras, sobretudo nas médias e grandes cidades. Numa visão superficial, essa população, movida pelas forças da economia capitalista, que excluiu os pequenos agricultores baseados numa economia familiar do campo, mecaniza e reordena a produção agrícola e força o homem do meio rural a buscar outras oportunidades de sobrevivência nos meios urbanos. Muitas vezes, essas populações que se deslocam chegam nas cidades e engrossam os cinturões de pobreza, miséria e marginalidade, entrando para um mundo de desilusão e exclusão, pois não estão preparados para entrar no mercado de trabalho dos setores secundário e terciário.

Todo este processo pode ser observado na cidade de Passo Fundo, que, como foi visto, se destaca no cenário regional como sendo o principal pólo econômico e por isso, sendo muito atrativo para aqueles que não possuem mais condições de trabalho e de vida nos locais rurais em que estão fixados. Os motivos que levam a essa mobilidade espacial são vários, mas em sua grande maioria, são guiados pelo anseio de encontrar novas e melhores possibilidades de vida.

Analisando as entrevistas realizadas no Bairro São José e os depoimentos dessas pessoas que passaram por este processo, observa-se claramente que, apesar da vida turbulenta e agitada das cidades, ela oferece uma assistência e uma gama de possibilidades muito maior que o meio rural, de onde são provenientes. Apesar de todos os problemas e deficiências das cidades, elas ainda são e serão, durante muito tempo, o local preferido de residência da grande maioria da população do mundo todo, pois como já foi dito antes, o homem é, por excelência, um *'animal urbano'*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, Melhem. **A fome – Crise ou escândalo?** 26 ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ALVES, Júlia Falivene. **Metrópoles: Cidadania e qualidade de vida.** São Paulo: Moderna, 2001.
- COSTA, Manoel Augusto. **Urbanização e migração urbana no Brasil.** Rio de Janeiro: IPEA, 1975.
- DAL MORO, Selina Maria. **Urbanização, exclusão e resistência.** Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- PORTELA, Fernando. VESENTINI, José William. **Êxodo rural e urbanização.** São Paulo: Ática, 1995.
- SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil.** São Paulo: Scipione, 1994.
- SILVA, Armando Corrêa da. **Geografia e lugar social.** S.d.